

IMITAÇÃO, MODO PREPONDERANTE DE INTERCÂMBIO ENTRE PARES, DURANTE O TERCEIRO ANO DE VIDA

Jacqueline Nadel

Laboratório de Psicobiologia da Criança, EPHE, 3e. section, associado ao CNRS - 41, Rue Gay-Lussac 75005, Paris.

Pierre-Marie Baudonnière

Laboratório de Psicologia Experimental, Universidade de Paris V e EPHE, 3e. section, associado ao CNRS - 28, Rue Serpente 75006, Paris.

RESUMO

Este estudo tem por objeto a análise de um modo de comunicação entre as crianças, predominante em dado período do desenvolvimento (2; 1 - 2 ; 11): a imitação das pessoas.

A criança recorre a essa modalidade de intercâmbio numa época em que, segundo Wallon, a identificação com o outro é um elemento essencial da elaboração de sua própria pessoa.

As imitações se referem não ao objetivo da atividade, como no *observational learning*, mas sim aos gestos e às atitudes do outro no correr de suas realizações.

Crianças de creches diferentes foram filmadas sem o saberem e na ausência de adultos, em pequenos grupos de 2 e a seguir 3 crianças. Os objetos fornecidos, em três exemplares, são de dois tipos: próprios para desenvolver atitudes de personagens (chapéus, guarda-chuvas, . . .) ou para originar atividades físicas (bolas, . . .).

Os primeiros resultados mostram, além da ausência de agressão, uma preponderância de estabelecimento de controle e de sua manutenção por meio da imitação e permitem uma análise das diferentes modalidades de imitação e de seu papel na comunicação entre crianças.

SUMMARY

The study aims at an analysis of a means of communication between peers at a given period of development (2.1 - 2.11): the imitation of persons.

The child resorts to this mode of exchange at a period when, according to Wallon, the identification with the other is an essential element in the elaboration of his own self.

Imitation focus not on the objective of the activity, as in observational learning, but on the gestures and attitudes of the other in the course of carrying things out.

Children of different creches were filmed (during 15 to 30 minutes) without their knowledge in the absence of adults, in small groups of two then three children. Three of each object were available. They ere of two sorts: relevant to development of attitudes of persons (hat, umbrellas, . . .) or for developing physical activity (balloons, . . .).

The first results show, besides the absence of aggression, a preponderance of initiation and maintenance of contact by imitation, allowing an analysis of different functions of imitation and its role in communication between children.

INTRODUÇÃO

A freqüência dos comportamentos imitativos durante a primeira infância tem sido apontada por inúmeros autores (Abramovitch, 1979; Eckerman, 1975; Thelen e Dollinger, 1975; Yando, Seitz e Zigler, 1978; etc.).

Menos freqüente, contudo, é encontrar, nos estudos sobre a imitação, a preocupação em distinguir diversos objetivos e diversas funções dos comportamentos imitativos, notadamente relacionados com a idade da criança.

No que diz respeito, interessamo-nos por uma forma particular de imitação: a imitação imediata num período determinado do desenvolvimento — o terceiro ano de vida.

Por que o terceiro ano de vida? Porque, segundo as perspectivas teóricas desenvolvidas por Wallon (1949), a imitação teria uma função social determinante nessa idade (Nadel-Brulfert, 1980). Segundo essas perspectivas referentes ao desenvolvimento sócio-pessoal, a imitação seria, no decurso do terceiro ano de vida, o meio para a passagem direta de espectador a ator. Esse meio permitiria à criança dessa idade uma interação baseada numa atividade, apesar da fragilidade e da ambigüidade da diferenciação eu-outro.

Nessa fase que precede o acesso, por volta dos três anos, ao domínio da alternância e da repartição dos papéis sociais, a repetição do mesmo papel é que permitiria à criança estabelecer e manter diálogo com os companheiros da mesma idade. Fazer como o outro e ao mesmo tempo que ele poderia ser — nessa fase momentânea de reconhecimento confuso de si próprio e do outro — o único modo de lhe "falar", de dirigir-se a ele, de dizer-lhe que se interessa pelo que ele faz, que admira o que ele faz.

Repetir o papel do outro, suas atitudes, sua atividade, seria, para aquele que é muito imitado, um sinal do interesse do imitador pelo modelo. Seria, tanto para o imitador como para o imitado, a origem de uma reação emocional forte, comum a todas as situações em que se partilham sensibilidades ligadas à partilha das mesmas atividades.

O modelo responderia segundo o mesmo processo. Assim se instauraria um diálogo "imitar-ser-imitado", com a função de comunicação entre parceiros de idade, tendo em vista seu nível comum de diferenciação: o transitivismo.

Certamente, já terá havido ocasião de se estabelecerem contatos sociais bem antes do terceiro ano de idade: a partir dos primeiros dias de vida, com o olhar (Brazelton, 1975); a partir das primeiras semanas, com o sorriso (Wolf, 1963; Trevarthen, 1977), com o "diálogo tônico" (Ajuriaguerra, 1970; Widmer, 1979), os ajustamentos posturais ao "holding" da mãe (Robin, 1979), pelas vocalizações, etc. Porém, o que pôde bastar como base

de intercâmbio em um período anterior não é necessariamente critério suficiente aos dois anos. Emergem, nessa ocasião, outras exigências para a elaboração de relações interpessoais, que, segundo julgamos, podem ser satisfeitas pela imitação do outro.

A imitação pode ter tido, anteriormente, outras funções, notadamente ligadas à fusão emocional (Stambak et al., 1979). Mas neste período, em que a linguagem ainda não é o instrumento privilegiado de comunicação entre crianças, o intercâmbio se estabeleceria, necessariamente, por meio dessa imitação imediata, repetição de papéis entre parceiros, precedendo o momento em que as crianças atingirão, em suas relações, a repartição dos papéis.

MATERIAL E MÉTODO

População

As crianças observadas pertencem a cinco creches da região parisiense. Elas foram observadas em grupos de três, sem que se levasse em conta o sexo e a origem sócio-cultural das crianças. Todas tinham entre 2;1 e 2;11 anos e concordaram em participar da atividade.

A composição dos grupos obedeceu a duas exigências: era imprescindível que as crianças se conhecessem (ou seja, pertencessem todas à "grande section"*) mas que não fossem companheiros habituais. Foram observados 14 grupos para esta pesquisa; as diferenças de idade entre os 3 membros de cada grupo variaram conforme o grupo.

O espaço experimental

Os grupos de três crianças foram sempre observados em sua própria creche, numa sala conhecida, mas onde se modificou a disposição dos objetos, de modo a criar um meio físico novo.

A superfície experimental (15m²), a disposição dos móveis e os objetos foram sempre os mesmos. As crianças podiam sair, se assim o desejassem, por uma porta que lhes era sempre acessível.

A figura 1 mostra uma representação esquemática do espaço experimental, precisando a localização dos componentes, principalmente dos objetos.

* As creches na França estão divididas em 3 níveis, sendo a "grande section" o nível onde se agrupam as crianças mais velhas.

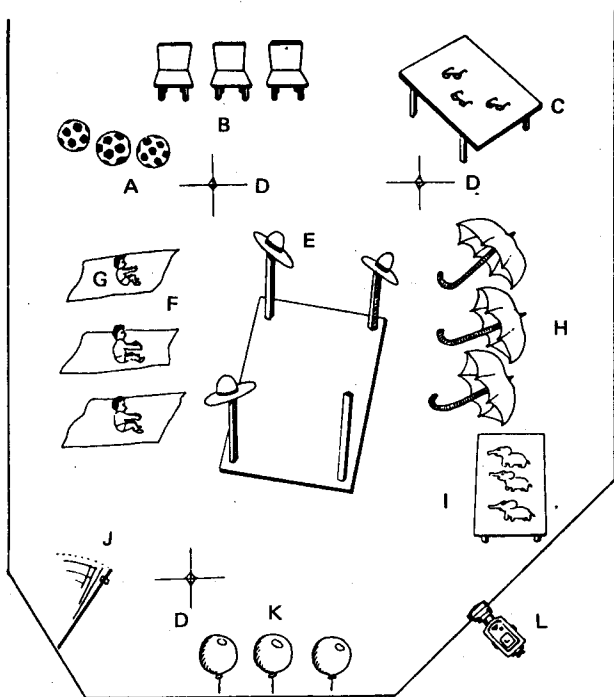


Figura 1 — O espaço experimental

Legenda

- A. Bolas
- B. Cadeiras
- C. Óculos sobre a mesa
- D. Móveis presos ao teto
- E. Chapéus de cowboy na mesa virada
- F. Toalhas com bonecas (G)
- H. Guarda-chuvas
- I. Animais de pelúcia sobre a mesa
- J. Porta acessível às crianças
- K. Balões de gás
- L. Câmera móvel de vídeo-tape, com zoom, atrás do biombo (M), que esconde o operador

RESULTADOS

Antes de apresentar as primeiras análises que realizamos, devemos precisar que a observação de crianças durante períodos freqüentemente longos (15 a 30 minutos), na ausência de adultos, não nos apresentou qualquer problema. As crianças manifestam muita alegria e prazer no decorrer das sessões, a ponto de muitas vezes nos sentirmos constrangidos em interrompê-los, em função das exigências da rotina da creche.

O resultado mais evidente é a existência de atividades imitativas em todos os grupos observados. Essas imitações são de tipos diferentes: imitação na tomada ou abandono de objetos, imitação de atitudes, etc. . . O aparecimento, em um grupo, de diferentes tipos de imitação não depende da duração das sessões. Apenas o jogo simbólico — onde a imitação se refere à personagem do outro e à evocação de uma situação — não aparece nunca de imediato no intercâmbio entre as crianças e não aparece em todos os grupos.

Antes da análise das diferentes formas de imitação, apresentamos os resultados referentes à primeira tomada de contato entre as duas crianças que entram na sala e a primeira tomada de contato da terceira que entra depois.

A. Papel do ambiente de acolhida no estabelecimento de contato social entre crianças

O resultado principal é o de que, em todos os casos, em 14/14 grupos de dois e 14 grupos de três, à chegada da terceira criança, o contato social se estabelece por meio da imitação. Esse fenômeno é geral, mesmo nos raros casos em que o contato não se estabelece instantaneamente.

Por outro lado, a imitação pode assumir formas diferentes e ser iniciada por uma oferta de objeto, notadamente para o estabelecimento do contato com a terceira criança que chega. A esse respeito, é interessante observar a diferença dos modos de tomada de contato entre os grupos de dois e os grupos de três.

Quadro 1 — Distribuição dos grupos de 2 e 3 crianças em função dos dois modos de tomada de contato por imitação: iniciada por uma oferta ou imitação espontânea.

| | | Imitações | |
|-----------|---|----------------------|-------------|
| | | precedidas de oferta | espontâneas |
| Grupos de | 2 | 4 | 10 |
| | 3 | 9 | 5 |

As duas primeiras crianças são introduzidas em uma sala transformada por nós e que, portanto, representa um novo meio físico a ser ocupado. Elas devem, simultaneamente, construir um meio humano onde possam desenvolver trocas entre si. Neste caso, a imitação aparece, na maioria das vezes, espontaneamente (10/14 grupos). A terceira criança chega também a um meio físico novo para ela, mas, diferentemente das duas primeiras, entra em um meio humano já estruturado. No caso, como se verificou com freqüência, em que as duas primeiras crianças tenham estabelecido e mantido o contato constitui-se um meio humano de acolhida para a terceira criança, acolhida que se manifesta por meio de apelos e de forte estimulação à imitação. Isto se verifica sob a forma de uma oferta ao recém-chegado (9/14 casos). No entanto, a oferta não pode ser considerada como simples presente de acolhida por diversas razões.

Essa oferta geralmente é um segundo exemplar de um objeto já de posse da criança que oferece. Além disso, ela constitui a única forma de tomada de contato com a terceira criança que chega quando as duas primeiras estão empenhadas em uma atividade comum. Trata-se, portanto, de uma forte estimulação para que o recém-chegado entre na mesma atividade por meio da imitação.

No caso em que a terceira criança não chega num

momento em que as outras duas estejam empenhadas em um intercâmbio, não há, aparentemente, um meio humano constituído. As tomadas de contato estabelecem-se aos pares (oferta de uma só das crianças à terceira que chega, ou imitação espontânea de uma só das duas primeiras pela terceira). As ofertas são, então, menos frequentes, como na tomada de contato dos grupos de dois.

Seria, porém, muito insatisfatório falar de imitação sem maior precisão. A imitação tem inúmeras metas possíveis e, conforme julgamos, sua função pode diferir segundo a meta visada.

Nossa hipótese é que a meta visada no contato social nessa idade é a atividade postural do outro. Examinaremos, pois, — além dos casos mais flagrantes e preponderantes em que a imitação tem manifestamente, por objeto a reprodução da atitude ou do personagem do outro — os casos em que a imitação pode apresentar-se como uma repetição de intenções*. Mostraremos que, efetivamente, essas imitações de intenções não constituem senão pretextos para a semelhança postural entre as duas e, muitas vezes, entre as três crianças.

B. Estudo dos diferentes tipos de imitação

B1 — As imitações com base na intenção

A fim de analisar as metas da imitação com base na intenção (*effection*), escolhemos dois índices principais, sempre presentes ao longo das diferentes sessões e em todos os grupos. São eles as ofertas e os abandonos de objetos, índices de fácil identificação e referência.

1) A oferta

A imitação é, muito frequentemente, precedida de uma oferta de objeto, notadamente para o estabelecimento de contato à chegada da terceira criança: essa oferta não é nem um presente de acolhida, nem uma troca, nem uma manobra de apaziguamento. Pode ser considerada como um forte estímulo à imitação pelas seguintes razões:

a) o objeto da oferta é, na maioria das vezes, um objeto presentemente possuído por quem oferece. Esse resultado é particularmente notável, pois esse comportamento se encontra em todos os grupos observados e em relação a um número muito significativo de ofertas (79/105);

b) quando a aceitação do objeto oferecido é seguida de imitação, esta diz respeito à utilização presente do objeto oferecido, mesmo no caso em que essa utilização não corresponda ao uso convencional do objeto: trata-se, portanto, de uma imitação e não de simples convergência de intenção ligada ao uso habitual do objeto oferecido;

c) no caso em que a terceira criança do grupo não se encontre de posse do objeto oferecido, a oferta ge-

ralmente a estimula a obter um exemplar do mesmo objeto e a utilizá-lo para o mesmo fim que as duas outras crianças, testemunhando assim que a oferta tem, também para ela, o valor de estímulo à imitação;

d) complementarmente, a subtração forçada do objeto, que se poderia chamar "contra-oferta", é sempre acompanhada do abandono desse mesmo objeto por aquele que o tira do outro; essa subtração forçada é bem aceita por aquele que a sofre, compreendida, portanto, não como uma agressão, mas como uma instigação a que passem juntos a outra atividade;

e) outra característica concorre para definir a oferta como estímulo à imitação: a oferta é seguida de expectativa por parte dos doadores, imobilizados numa atitude de quem porta o objeto, até que se dê a repetição da atitude pelo beneficiário da oferta.

Assim, a oferta, por todas essas razões, caracteriza-se como um meio de provocar o acesso a uma identidade de atividades.

Se uma oferta não é aceita, seu destinatário recalcitrante se isola, e por vezes chora e sai (os três únicos casos de fracasso de contato a três que registramos seguiram-se imediatamente à oferta recusada).

2) A tomada do objeto

A oferta não constitui, no entanto, a condição mais frequente para a tomada de um novo objeto. Ao longo de toda uma sessão, as crianças passam muito tempo a imitar-se em tomar, ter consigo e abandonar objetos.

A tomada de um novo objeto é muito frequentemente imitada pela outra ou pelas outras crianças do grupo, sem que seja necessário que o iniciador dessa tomada chame a atenção dos outros sobre sua mudança de atividade. Essa tomada, acompanhada ou não de apelo, é frequentemente seguida, como no caso da oferta, de uma imobilização de seu autor, à espera de que outro ou os outros entrem na posse do objeto.

Segundo a utilização que seja feita do objeto, tomadas e abandonos são mais ou menos rápidos. De simples intenções do tipo: "tomada de guarda-chuva, erguimento acima da cabeça, depois deposição do guarda-chuva", até as atividades ritualizadas como no brinquedo "está chovendo", no qual o porte do guarda-chuva é exigido com chapéu e óculos para fazer a volta à mesa, os objetos são utilizados por tempo maior ou menor.

O mais notável, em todos os casos, é o aspecto simultâneo das tomadas e abandonos de objetos por parte das duas e mesmo das três crianças.

Dado o fascínio que o objeto exerce na criança (os objetos escolhidos são particularmente atraentes para as crianças dessa idade), pareceu-nos interessante analisar as limitações no abandono de objetos, mais do que na tomada de objetos.

3) O abandono de objeto

As imitações nos abandonos de objeto apresentam um conjunto de características que nos levam a afirmar que não é o objeto, nem a atividade que ele provoca, que

* No original: *effections*.

são privilegiados na imitação intencional, mas sim a semelhança das atitudes entre as crianças. Essas características podem resumir-se como se segue:

a) O abandono do objeto por aquele que imita segue-se imediatamente ao abandono por aquele que é imitado, o que ocorre muitas vezes antes mesmo que aquele que imita tenha podido utilizar tal objeto. Isso indica que o objeto e sua utilização não constituem a preocupação principal do que imita, mas sim que o que ele busca antes de mais nada é a simultaneidade com o outro ou os outros.

b) O abandono do objeto pode seguir-se imediatamente ao fato de que a outra criança reproduz a atividade ligada à utilização iniciada por meio desse objeto. Assim, o objetivo de quem é imitado pode não ser tanto o prosseguimento de sua atividade, como a reprodução dessa atividade pelo outro: seria a busca do diálogo imitado-ser imitado.

c) As condições de realização do abandono são reproduzidas em suas particularidades referentes a:

- o lugar (o lugar dos abandonos não é aleatório; os objetos abandonados são colocados, muito freqüentemente, lado a lado mesmo no caso em que são abandonados em lugar diverso de seu lugar original);
- a posição (a posição dos objetos abandonados não é indeterminada, e freqüentemente os objetos são repostos na mesma posição, ainda quando esta é acidental ou não convencional);
- a ordem dos abandonos, em caso de abandonos múltiplos.

d) Os abandonos acidentais (perdas involuntárias de objetos) são também imitados muitas vezes, a despeito de sua curta duração, pois são seguidos imediatamente da retomada do objeto por aquele que o deixara cair. Inúmeros exemplos poderiam ser citados: uma criança deixa seu chapéu cair no chão, a outra tira imediatamente o seu e joga no chão; em outro grupo, uma criança deixa escapar sua bola, a segunda se dirige ao mesmo local e deixa cair a sua . . . Isto acentua duas particularidades: por um lado, o esforço de simultaneidade desenvolvido pela criança por meio da intensa atenção sobre a outra; por outro lado, a diferença de objetivo entre a que imita e a que é imitada.

e) Complementarmente, certos abandonos podem ser provocados por falsas antecipações. Neste caso, assim que a criança que imita se dá conta de seu erro de interpretação, o objeto abandonado é imediatamente retomado. Isto demonstra que o abandono, tanto quanto a retomada imediata do objeto, não têm outro valor senão o de sinal do acordo entre as crianças.

f) Finalmente, no caso da oferta recusada, a criança iniciadora da oferta não se contenta em abandonar o objeto recusado pela outra. Abandona, também, seu próprio exemplar bem como a atividade a ele ligada. O objeto e a atividade não são, pois, senão meros pretextos para a relação com a outra.

Em conclusão, parece que o abandono de objeto não pode ter significação para aquele que imita. Se a

criança que imita consente no abandono com freqüência tão alta, é porque persegue, no abandono, seu objetivo próprio: a imitação da atitude da outra. De outro modo, não se compreenderiam esses abandonos prematuros, que equivalem a pôr entre parênteses a utilização mesma do objeto em função de suas propriedades e que resultam em privilegiar o único objetivo de simultaneidade, objetivo tão importante que leva por vezes a falsas antecipações na imitação da postura do outro. Como também não se compreenderiam os extraordinários esforços desenvolvidos por essas crianças de 2-3 anos para reproduzir condições precisas do abandono do objeto (mesmo lugar, mesma posição, mesmos incidentes de execução) resultando assim na semelhança das atitudes no correr da execução.

Os abandonos simultâneos de objeto, as tomadas, o porte dos mesmos objetos e as ofertas demonstram claramente que as imitações utilizando objetos, que se poderia crer fossem imitações de intenção, devem ser consideradas, na maioria das vezes, como a serviço da imitação de atitude.

B2 - As imitações de atitude e as imitações de personagem.

Durante a maior parte do tempo, o que observamos não são apenas simples intenções, mas sim atividades expressivas, com o apoio ou não de um objeto. Isso dá lugar a espetáculos por vezes surpreendentes, verdadeiras acrobacias sem outra significação a não ser reproduzir a postura atual da outra criança. Sébastien, por exemplo, abaixa seu guarda-chuva para poder pegar o balão que deixara cair, e Magali esforça-se para encontrar a mesma postura, sem ter deixado cair nada; ou ainda, em outro grupo, Audrey, que reproduz a postura de Mariane, menos hábil do que ela, que, depois dela, tentava saltar a cadeira. Desequilibrada, Mariane agarra-se no aquecedor, e Audrey procura reproduzir a mesma postura, sem ter perdido o equilíbrio. Sohna, sem nenhuma bola perto dele, chuta o ar para imitar Bruno, que acaba de chutar uma bola. Julien esforça-se para carregar seu animal de pelúcia debaixo do braço, exatamente como Virginie, sem querer perder o braço de vista.

O único sentido que se pode atribuir a esses esforços por vezes acrobáticos é admitir que a meta da imitação, para a criança que imita, é reproduzir a postura da outra, quaisquer que sejam os objetivos reais da que é imitada.

A utilização dos objetos pode também ser apenas um elemento para o jogo simbólico de desenvolvimental exclusivamente figurativo. A postura é, então, evocadora de um personagem ou de uma situação. É o exemplo do "lobo", em que duas outras crianças colocam os óculos escuros, como Christian, e imediatamente estendem os braços fingindo garras, fazem caretas e uivam longamente. Para rir do papel que fazem, não sendo mais lobos, tiram os óculos, e voltam a colocá-los para retomar o personagem.

Assim também com o brinquedo "está chovendo" que se repete por mais de 10 minutos entre Lionel e Olivier. Um diz "está chovendo", o outro repete, depois

põem os chapéus, os óculos e os guarda-chuvas, o mais depressa possível, manifestando uma fixação ritualizada dos detalhes da operação. Aí, dão a volta à mesa virada, depois repousam simultaneamente guarda-chuvas, óculos e chapéus.

Em todos os casos, a postura do outro é que é o alvo da imitação. Quer com referência às imitações nas tomadas e abandonos de objetos, às imitações de atitudes, aos olhares de controle, às imobilizações à espera da realização do acordo postural com o outro, tudo concorre para confirmar essa hipótese.

O quadro teórico deste trabalho incita a conceber essa imitação postural como um meio. Seria utilizada no contato social por permitir realizar o acordo entre as crianças por meio da confusão que cria entre ator e espectador. Essa confusão implica a "simultaneidade" do desenvolvimento do espetáculo e de sua reprodução. Ora, o exame das imagens em câmara lenta ou quadro a quadro permite-nos dizer que as reproduções são, por vezes, muito próximas no tempo, quase atingindo a simultaneidade. Podemos até mesmo afirmar que a ausência de defasagem entre produção e reprodução é sistematicamente procurada. Assim é que se podem compreender as seqüências de atos saltados a fim de reencontrar a simultaneidade de execução com o outro, ou as precipitações de ritmo quando a criança menos hábil percebe estar atrasada, ou, ainda, os abandonos de objeto antes de sua utilização, de que tratamos anteriormente.

Essa quase simultaneidade que pudemos constatar em inúmeras ocasiões tem como condição, segundo cremos, a antecipação do desenvolvimento da atitude do outro; de outro modo, seria impossível. Isso parece confirmar-se pelo fato de que, em certos grupos em situações de intenso intercâmbio, ocorrem casos de falsas antecipações da mudança postural do outro. Portanto, a simultaneidade na semelhança postural é mesmo o objetivo visado, e a antecipação do desenvolvimento postural do outro é o meio utilizado para atingi-lo.

Concentrando seus esforços sobre a simultaneidade na reprodução da postura do outro, não podemos deixar de admitir que a criança faz escolhas coerentes e coordenadas. A postura é evocadora do papel; pela realização postural simultânea do mesmo papel, espectador e ator vêm a confundir-se, criando assim as condições de intercâmbio social próprio desse período do desenvolvimento.

CONCLUSÃO

Acentuar as relações entre os alvos da imitação e o estatuto da atividade imitativa permite destacar uma das características principais da imitação: seu caráter altamente seletivo, ligado à sua finalidade. Ora, as finalidades diferem segundo os períodos do desenvolvimento. Essa simples constatação é freqüentemente negligenciada.

De fato, a utilização sistemática de modelos desenvolvimentistas para o estudo da criança levou até o momento a se estudar a atividade, não em razão de sua utilidade presente para a criança, mas em razão de seu papel hipotético na evolução da psicogênese.

Nessas condições, tem sido negligenciada a questão da significação da atividade, tendo em vista o repertório comportamental e os objetivos da criança de uma determinada idade.

Tendo por objeto de nosso estudo a análise do papel de uma forma de imitação num período preciso do desenvolvimento, privilegiamos a questão da significação real e atual da atividade em que se empenha a criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVITCH, R., GRUSEC, J.E. Peer imitation in a natural setting. *Child Development*, (49): 60-65, 1978.
- AJURIAGUERRA, J. de. *Manual de Psychiatrie de l'Enfant*, Paris, Masson, 1970.
- BRAZELTON, T. et. al. Early mother-infant reciprocity. *Parent-Infant Interaction*, New York Elsevir, Excerpta Med., North Holland, 1975.
- MONTAGNER, H. *L'enfant et la communication*. Stock, Paris, 1978.
- NADEL-BRULFERT, J. The purpose of imitation, *French Language Psychology*, (2), 1980.
- ROBIN, M. Les interactions précoces entre le nouveau né et sa mère: le rôle du maintien de l'enfant. In: *Congrès International de Psychologie de l'enfant*. Paris, 1979.
- STAMBACK, M.; BONICA, L.; MAISONNET, R.; RAYNA, S. and VERBA, M. Modalités d'échanges entre enfants de moins de deux ans. *Travaux du S.R.E.S.A.S.*, (154), 1979.
- THELEN, M.M., DOLLINGER, S.J. and ROBERTS, M. C. "On being imitated: its effects on attraction and reciprocal imitation". *Journal of Personality and Social Psychology*, 31: 467-72, 1975.
- TREVARTHEN, N. Description analyse of infant communicative behaviour. In: SCHAFFER, H.R., ed. *Studies in mother-infant interaction*. New York, Academic Press, 1977.
- WALLON, H. *Les origines du caractère chez l'enfant*. Paris, P.U.F., 1949.
- WIDMER, C. *Postures et mouvements, discrimination de personnes chez le bébé de 0 a 6 mois*. F.E.P.S.E., Genève, 1979. Thèse de Doctorat.
- WOLFF, P.H. Observations on the early development of smiling. In: FOSS, B.M. *Determinants of infant behaviour*, Vol. 2, WILEY, New York, 1963.
- YANDO, R., SEIZ, V. and ZIGLER, E. *Imitation: a developmental perspective*. N.Y.: John Wiley and sons, 1978.